

Pe. João,

um dos pioneiros SVD na Amazônia

Os Primeiros Passos

A idéia de iniciar um trabalho missionário no norte do Brasil nasceu no coração dos verbitas da província Brasil-Sul. Eles chegaram à conclusão de que precisavam de uma missão que desse novo entusiasmo e cativasse seus membros; uma missão que abrisse novos horizontes na Província.

Assim, quando Pe. Elírio dal Piva era provincial, foram dados passos concretos para se abrir

uma área de trabalho na Amazônia. Ele fez uma viagem de reconhecimento pelo Norte, acompanhado do Pe. Tomas Hughes, membro do conselho provincial. Partiram de Curitiba para Brasília a fim de se encontrarem com bispos, sacerdotes, e religiosas que conheciam a região. Depois decidiram visitar três prelazias na Amazônia para obterem informações de primeira mão: 1. Macapá; 2. Óbidos; 3. Guajará-Mirim.

Viajaram de avião, ônibus e barco. De Brasília foram para Macapá. Em seguida foram para Óbidos, onde permaneceram vários dias. Depois pegaram um avião em Santarém rumo a Porto Velho para visitar a prelazia de Guajará-Mirim.

Duas semanas mais tarde, (5/11/1978), os padres Elírio e Tomás, cansados, regressavam a Curitiba convencidos da necessidade da presença verbita no Norte do país. Era uma missão aliciante, a Amazônia.

Fizeram, primeiro para os confrades da província, um amplo relatório sobre a viagem. Depois, numa assembléia inter-provincial, (MAR/1979), mostraram a realidade das três prelazias, com dados sobre a história, a população, a extensão territorial, a administração, a organização pastoral de cada uma. Houve em seguida um largo debate e, em votação secreta, escolheram a prelazia de Óbidos.

Apesar da iniciativa ter nascido na província BRS, (Brasil Sul) a responsabilidade foi abraçada pelas três administrações SVD. O Generalato deu apoio à iniciativa e fez da nova missão um distrito da província BRS.

Os Pioneiros

Cinco confrades se ofereceram para o trabalho na Prelazia de Óbidos. As dificuldades que anteviam não eram as mais simples, mas a necessidade missionária era real! E a fidelidade ao espírito do fundador, os levou a dizer sim à missão na Amazônia. Não eram super-homens, mas gente de fé, com o desejo de serem fiéis à sua vocação. Com eles começa a história da presença dos missionários do Verbo Divino na Amazônia: Pe. Francisco Kom, Pe. José Gross, Pe. Patrício Brennan, Pe. João Mors, e Pe. João Adolfo Barendse. Foram eles que fizeram o alicerce do que hoje somos. Seus sacrifícios facilitaram nosso trabalho de testemunhar hoje o Verbo Incarnado. A eles a nossa homenagem.



O primeiro grupo chegou em Santarém no dia 26 de Janeiro de 1980: Francisco Kom, José Gross e Patrício Brennan. Foram acolhidos por Dom Tiago Ryan, da diocese de Santarém, Dom Martinho Lammers, da prelazia de Óbidos.

O segundo grupo, João Mors e João Adolfo chegou só em 17 de Março, depois do curso de orientação missionária em Caxias do Sul (RS).

Nesse intervalo, e para um contato inicial com a prelazia, Pe. Patrício ficou em Óbidos; Pe. Francisco em Juruti; e Pe. Gross em Oriximiná.

No dia 18 de Março de 1980, já com a equipe completa, foi feita a primeira reunião do distrito de Óbidos, da Província SVD Brasil-Sul. É interessante notar algumas decisões tomadas naquela reunião:

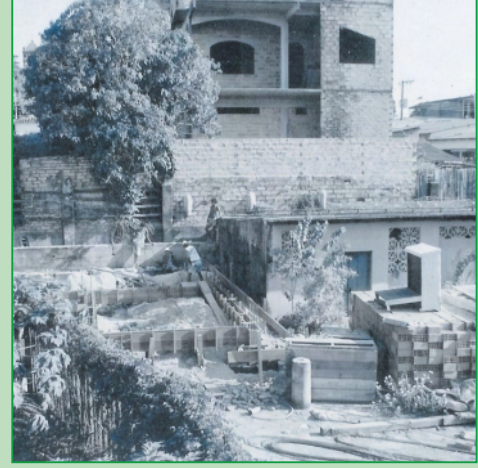
- Francisco Kom foi eleito superior do distrito.
- João Mors, pároco de Oriximiná, ajudado pelo Patrício e Chico Kom.
- José Gross, pároco de Faro e João Barendse como Vigário cooperador.
- João Adolfo foi indicado como secretário das reuniões.
- Patrício foi eleito o ecônomo do distrito.

Na reunião do clero da prelazia de Óbidos, ficara decidido que as paróquias de Oriximiná e Faro seriam entregues aos cuidados dos verbitas; a primeira na noite de Páscoa-dia 6 de Abril e, dois dias mais tarde, a de Faro.

Depois da Páscoa começaram os trabalhos. Foi difícil a adaptação para quem vinha do sul. Além do clima e da cultura da Amazônia, os confrades tiveram que enfrentar o desafio do transporte precário para as comunidades rurais e ribeirinhas, a política de cabresto, a comunicação como província Sul, a implementação de um ritmo diferente daquele que os frades Franciscanos tinham nas paróquias, etc. Mas eles foram firmes na luta, no trabalho em equipe e no mútuo bem querer.

O nascimento da Região Amazônica

Quase dez anos mais tarde, no dia 3 de Janeiro de 1990, já com um grupo de vinte confrades atuando na Amazônia, e como sinal de aprovação do trabalho realizado, o Superior Geral, Henry Barlague, e seu Conselho, transformou "Ad Experimentum", por três anos, o distrito em Região. Em vez da província BRS, ficou o Generalato diretamente responsável pelo sustento da nova Região e Pe. João Mors foi o primeiro superior regional, além de Pároco de São Raimundo e Fátima.



Pe. João Mors: Homem e Sacerdote

Quando cheguei em Santarém dia 25 de Março de 1987, fui apresentado pela primeira vez ao Pe. João Mors. Naquela altura descobri imediatamente três coisas de que ele não se separava: o cigarro numa mão, a xícara de café na outra e, no ombro, o telefone. Essa foi a primeira imagem que tive dele. Nesse mesmo dia Pe. Patrício Brennan, que morava em Oriximiná, me comunicou que o meu destino era essa mesma paróquia.

Para lá navegamos no dia 26 de Março, à noite, no B/M Oriente. Ao chegar descobri que o Pe. João Mors tinha trabalhado ali vários anos. Em 1980, Pe. João, Patrício e Chico Kom iniciaram a presença verbita em Oriximiná. Deram continuidade ao trabalho dos franciscanos que durante muitos anos, abnegadamente, trabalharam nos rios e estradas da região. Os três, ao chegarem deram muita importância ao trabalho já

iniciado pelos franciscanos logo depois do Concílio: a formação de leigos.

Ao mesmo tempo que organizavam pastoralmente a paróquia, iniciaram uma longa e persistente luta em defesa dos direitos dos mais pobres, lutaram especialmente pelo reconhecimento da dignidade do povo negro da região, conhecido por NEGROS DO TROMBETAS.

Na mesma época foi aberta a denominada Estrada do BEC para onde foram levadas várias dezenas de famílias. Com a chegada e instalação destes migrantes gerou-se um conflito fundiário que opôs os colonos aos ditos proprietários daquelas áreas ocupadas. Pe. João Mors foi um intransigente defensor da causa dos novos assentados.

Na cidade Pe. João iniciou a construção do centro catequético para a paróquia ter um lugar específico para a formação dos leigos. Incentivou a criação ou

continuidade dos casulos nas comunidades para atender as crianças carentes. Incentivou, junto com Patrício Brennan e Chico Kom, a criação da Comissão Pastoral dos Direitos Humanos de Oriximiná (CPDH) com sede no centro catequético, a fim de coordenar todas as lutas sociais.

Depois de 05 anos de trabalho em Oriximiná, veio para Santarém, para a Paróquia de São Raimundo e Fátima, onde continuou o seu trabalho como sacerdote e homem atento aos problemas sociais: Apoiou inúmeras obras sociais: Pastoral do Menor, Fábrica de Redes Aparecida, Albergue e a obra SEARA, entre outras.

A este homem muito deve a Diocese de Santarém, a Prelazia de Óbidos e o Verbo Divino na Amazônia. Bem haja Pe. João por todo o seu trabalho e dedicação. Que Deus o continue abençoando e protegendo.

Pe. José Cortes



Mensagem do Regional

"Não me esqueço que em agosto de 1990, eu estava ainda fazendo quarto anos de Teologia em São Paulo. Recebi um telefonema do Pe. João Mors me parabenizando pela minha nomeação para a região Amazônia. Em setembro, ele viajando a São Paulo pegou o nibus do bairro de Santo Amaro e foi me visitar no bairro Jardim Miriam. Foi muito gentil e apresentou todas as realidades da presença missionária e mesmo que estava precisando de gente nas paróquias, me disse que ia respeitar o meu pedido de trabalhar na CPT, pois via a necessidade de fortalecer a Pastoral Social. Depois de tomar um café ele voltou de ônibus até o Seminário. Me senti acolhido desde aquele momento e tinha certeza que Deus havia me guiado para as estradas e rios da Floresta Amazônica.

Outro fato marcante que minha família agradece muito, pois o Padre João foi a Curitiba e pegou um ônibus viajando 8 horas para visitar os meus pais em Manoel Ribas. Eles sempre recordavam dessa visita. Enfim, são muitos os acontecimentos e emoções mesmo que houve discussões e idéias divergentes, mas nunca de diminuir a capacidade de perdoar e esquecer, pois ele não sabe guardar mágoas. Mérito do Pe. João chorar de emoção por aquilo que acredita e de brigar pelo ideal de alcançar o que deseja. Muitas foram as obras, mas fica o gesto de doação e fraternidade que criou entre todos da Prelazia de Óbidos e Diocese de Santarém. Parabéns! Tenho a honra de acompanhá-lo em seu regresso a seu país depois de 51 anos de doação ao povo brasileiro".

Seu irmão e confrade verbita Pe. José Boeing



Pe. João Mors e os problemas sociais

Todos conhecem as grandes obras sociais que pe. João Mors iniciou em Santarém e como apoiou inúmeros projetos de promoção humana. No entanto, poucos sabem que o Pe. João, enquanto Pároco de Medianeira-Paraná, foi também fundador da CPT naquele estado: Ele criou, junto com o Pastor luterano Gernote Kirinus de Marechal Cândido Rondon, numa reunião em Ponta Grossa em 1976 a CPT _ Paraná.

A criação da CPT previa várias atividades conjuntas entre as duas Igrejas; a mais importante: encontro entre padres e pastores da área atingida pela ITAIPU. A criação da CPT permitiu que a realidade social entrasse na pauta das duas Igrejas de forma permanente e iniciou uma cooperação entre as Igrejas nas causas sociais.

Com a criação da CPT e com o

trabalho intensivo de outro verbita, Adriano Van de Vem, que também vivia em Medianeira com Pe. João, se consolidou o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná (MASTRO), que foi um dos movimentos tributários da gestação do MST.

Um exemplo contundente desta luta foram as Notas Promissórias Rurais (NPRs): a CPT fez uma cartilha (Você e as NPRs), explicando o que estava por trás: frigoríficos faliram fraudulentamente e os bancos cobraram dos avalistas, os agricultores, que nem sabiam que haviam assinado o aval. Aí o Padre Adriano convocou uma reunião em Medianeira, e os agricultores compareceram em grande número, agarrando-se a essa cartilha como única tábua de salvação "Só a igreja pode nos ajudar..."

Homenagem da Rádio Rural

A Rádio Rural de Santarém tem muito que agradecer ao Padre João Mors. Padre, uma pessoa como o senhor, sabe o valor de um compromisso social à luz do Evangelho. Sabe também a importância do poder de uma emissora de Rádio como a Rádio Rural, para dedicar tanta atenção como o senhor tem feito. De todas suas atenções para com a Rádio Rural queremos destacar uma exemplar. No ano 2001, quando padre Edilberto Sena assumiu a coordenação da Emissora e a situação do caixa era bastante precária, o prefeito de então, queria usar e abusar do meio, pagando pouco. Não aceitou ele o jogo oportunista do prefeito e recorreu ao senhor, solicitando uma ajuda bastante alta por seis meses para não cair de joelhos diante do impostor. Depois de questionar bastante as razões e consequências da solicitação o senhor aceitou o desafio e assim pudemos enfrentar o prefeito e manter a dignidade da querida Rádio Rural. Mas o senhor fez muito mais em dedicação e por isso, não vamos esquecê-lo por muito tempo. Que Deus lhe dê ainda muitas alegrias e paz de espírito. E que a diabetes não o maltrate tanto. Um abraço em nome de todas e todos os funcionários da Rádio Rural de Santarém.

Edilberto Sena



Padre João: testemunha do Verbo na Amazônia

Os missionários do Verbo Divino, da Região Amazônica do Brasil, celebram 28 anos de presença Verbita nestas terras onde "Deus armou a sua tenda" e acampou no meio dos índios, negros, camponeses, caboclos, ribeirinhos e pessoas vindas de todo Brasil.

Tudo começo há 28 anos atrás, no coração dos verbitas da província Brasil Sul (BRS). Eles queriam uma missão que abrisse novos horizontes na província. Foi assim que no dia 26 de Janeiro de 1980, chegavam em Santarém-Pará os padres Francisco Kom, José Gross e Patrício Brennam. Depois em 17 de março, do mesmo ano, chegaram os padres João Mors e João Adolfo Barendse para somar forças no trabalho missionário.

Durante a assembléia de Janeiro, deste ano, em Oriximiná-Pará, escutávamos na partilha de João, Patrício e José Gross o importante que foi a vinda deles para estas terras desconhecidas e as dificuldades enfrentadas nos primeiros anos: aventuras, ameaças, projetos, sonhos... E hoje 28 anos depois, disseram que valeu a pena.

Valeu a pena, porque as sementes do Verbo estavam presentes no meio destes povos e culturas. Valeu a pena, porque veio sangue novo do "estrangeiro" propondo um novo modelo de igreja, que já existia. Como dizia seu Adonias em Oriximiná: "Os Verbitas se parecem com Jesus porque se misturam com o povo". Valeu a pena, porque o povo teve voz e vez. Valeu a pena, porque com esta prioridade de formação de lideranças, os leigos abriram sua mente e coração na busca do novo. Valeu a pena, porque com este trabalho "Pé no chão" as comunidades negras, ribeirinhas e da cidade se organizaram e criaram movimentos sociais para reivindicar por seus direitos. Valeu a pena, porque graças à vinda de Chico Kom, José Gross, Patrício Brennam, João Mors e João Adolfo (+), hoje estamos celebrando e agradecendo a Deus por estes 28 anos de presença Verbita na Amazônia. Como diz o cantor Zé Vicente: "Sonho que se sonha só é sinal de ilusão. Sonho que se sonha juntos é sinal de solução..." E o que sonhamos para os próximos 28 anos? O nosso documento mestre "Calce as Sandálias" nos diz: "Devemos ser na Amazônia presença de uma Igreja que quer assumir a sua missão como serva da Palavra, irmã da Criação e sinal de Cristo. Ir além do serviço sacramental, abraçando a vida, os sofrimentos e alegrias do povo. Ser uma congregação inserida, ao lado dos pobres e defensora da vida. Só assim se tornará sinal do Reino de Deus".

Pe. John Jaime Zuluaga Romero, svd



Ao Pe. João Mors Na sua despedida do continente sul-americano

Pe. João!

Nosso confrade, Pe. José Cortes, nos pede umas palavras de homenagem, na hora em que o senhor, depois de gastar sua vida sacerdotal no Brasil, vai regressar definitivamente à Holanda, que o senhor fez questão de não esquecer. Considero, ao mesmo tempo, um privilégio e um dever, escrever duas linhas carregadas de apreço e de reconhecimento pelo que o senhor foi para os Missionários do Verbo Divino na Amazônia, para o povo de Oriximiná e particularmente para o povo de Santarém, do Pará.

É um privilégio porque o considero um sacerdote superior em virtude, em fé e em gosto por ajudar os mais pobres. E me dá prazer dizer-lhe isto, agora, que pode escutar-me e ler o que escrevo e sentir ainda em seu coração o meu respeito, o meu carinho e a minha amizade pelo senhor.

É um dever, porque o senhor deu-nos o muito que tinha: uma visão arejada do ser Igreja e de ser missionário na Amazônia; um tipo de liderança regional que se pautou pela simplicidade no estilo de vida e pela participação de todos nas decisões; uma generosidade tipo *Robin Hood*, que busca entre os ricos, os recursos para ajudar os pobres; uma emotividade à flor da pele, que derrama lágrimas diante do que é belo e nobre; uma fé que não se fica apenas com liturgias bonitas, mas que faz questão de promover a justiça social, através da criação ou apoio às associações de solidariedade, sua marca mais vinculada.

Mas acima de tudo isso, pessoalmente, tenho algo que não posso deixar de referir, sem querer incensar ou exagerar, nem sequer omitir suas debilidades que, graças a Deus, também as tem... (visível nos jogos de canasta, no gosto pelo câmbio de moeda ou na rapidez com que rezava o breviário...) Acima de tudo, Pe. João, eu lhe agradeço ter-me aberto os olhos para o respeito que os anseios merecem!

O senhor, foi o nosso primeiro anseio, com quem convivemos diariamente. E numa região de jovens, de eficiência e de agilidade, o senhor não tinha condições de acompanhar o ritmo... Porque além de idoso, tem o transtorno causado pela diabetes em estado avançado, assim como o problema da próstata... e uma perna que exige uns "calços" para se nivelar.

Por isso, lhe é devida uma palavra de desculpas. Perdoe-me pelas vezes que não me ofereci para ajudá-lo; desculpe-me pelas vezes que fiquei chateado pelo mau cheiro no seu quarto, em vez de me oferecer para abrir uma janela! Me perdoe pelas vezes que falava mal do senhor, ao ver os sofás sujos, as migalhas no chão e os cinzeiros fedendo a cinza, esquecendo que, para o senhor, o agachar-se, o buscar os utensílios de limpeza ou a própria nitidez ocular, há muito tempo que deixaram de ser tarefas fáceis de fazer. Me perdoe, padre João, por não ter tido a coragem de oferecer-me para limpar-lhe as lentes gordorosas de seus óculos, ou até a sujidade da sua velha dentadura...

Emocionado, agradecido e até inquieto por não ter sido a companhia que o senhor merecia, termino estas linhas, pedindo a Deus, que o escolheu e o enviou para a missão no Brasil, suas bênçãos abundantes, para que a sua velhice na Holanda seja um dom para todos e o prepare para receber o prêmio reservado para aqueles que combateram o bom combate.

Do amigo e confrade, Pe. Manuel

